



PROJETO TRILHOS SONOROS: UM PROJETO SOCIAL OU O ESBOÇO DE UMA NOVA FORMA DE IGREJA PARA A PERIFERIA?

Project Sonorous Rails: a social project or an outline for a new form of church for the ghetto

Carlos Augusto Pinheiro Souto ¹

Resumo:

O presente estudo tem por objetivo investigar as ações desenvolvidas no projeto Trilhos Sonoros com crianças em permanente estado de vulnerabilidade social na periferia da cidade de Canoas no Rio Grande do Sul. Considerando a metodologia do projeto, que inclui leitura bíblica, reflexão, comunhão, ensaios e recitais programados, bem como o princípio norteador do projeto que é servir a Deus e ao próximo através da música e, ainda, agrega diversas instituições em torno do bem estar material e espiritual das famílias envolvidas, este estudo busca, objetivamente, analisar se esse projeto desenvolvido na periferia, além de ação social, constitui também um *locus* teológico onde há sinais de experiências revelatórias e espaço onde são percebidas evidências de busca do Sagrado e experiências com o Incondicional, configurando um novo modelo de igreja para a periferia.

Palavras-chave:

Igreja. Música. Periferia.

Abstract:

The objective of the present study is to investigate the actions developed in the project Sonorous Rails with children in permanent state of social vulnerability in the ghetto in the city of Canoas in Rio Grande do Sul. Considering the methodology of the program, which includes biblical reading,

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdades EST. Mestre em Artes Musicais/Musicologia pela Campsbelville University - EUA (2005), tendo defendido a dissertação: Análise sócio-cultural do processo de eruditização da modinha através da ópera italiana. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa; Gestão e Políticas Públicas em Educação Especialista em Metodologia do ensino superior pela FIPE - MG, tendo apresentado a monografia: Uma educação musical para a vida. Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Teológica Batista Equatorial. Possui graduação em Educação Artística - Música pela Universidade Estadual do Pará (1995), tendo apresentado o TCC: A Banda de música como prática de educação musical. Atualmente é músico da Prefeitura Municipal de Belém, tendo atuado como 1º trombonista e Regente. Coordena o projeto sócio-cultural de inclusão social SOM&RISO da Prefeitura Municipal de Belém. É Regente da Banda Distrital de Icoaraci e da Banda Sinfônica do curso de Licenciatura Plena em Música da UEPA. Atualmente coordena o projeto de inclusão social Trilhos Sonoros na cidade de Canoas-RS e atua como professor do projeto Rua em Movimento da Prefeitura Municipal de Cachoeirinha - RS, com crianças em vulnerabilidade Social. É professor Efetivo da Universidade Estadual do Pará. Tem experiência na área de Regência Instrumental, com ênfase em Banda de Música, Instrumentação para Banda e inclusão social através da Educação Musical. Leciona ainda as disciplinas Estética Musical, Música Antiga, Música Popular Brasileira e World Music. Bolsista CAPES. Contato: anasouto1993@gmail.com

reflection, fellowship, rehearsals and program recitals, as well as the guiding principle of the project which is to serve God and the neighbor through music and, also, aggregating diverse institutions around the material and spiritual well-being of the families involved, this study seeks, objectively, to analyze if this project developed in the ghetto, besides social action, also constitutes a theological *locus* where there are signs of revelatory experiences and space where evidences of search for the Sacred and experience with the Unconditional are perceived, configuring a new model of church for the ghetto.

Keywords:

Church. Music. Ghetto.

Considerações iniciais

Música e Inclusão Social na periferia tem sido um tema amplamente discutido quando o assunto é relacionado a crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Vários projetos têm sido desenvolvidos nas periferias das grandes capitais com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento das chamadas competências sociais, bem como com a proteção de crianças e adolescentes que residem nesses contextos periféricos. O tema música na periferia é, portanto, recorrente na literatura que trata sobre a educação musical em projetos sociais.

Minha intenção, no entanto, é entender de que forma a educação musical realizada no projeto Trilhos Sonoros pode ser um espaço revelatório do Sagrado, com forte presença de uma Comunidade Espiritual, caracterizando, além de um novo sentido para a educação musical, uma nova forma de igreja para a periferia. Considerando a exiguidade de espaço e tempo, este estudo terá uma abordagem provocativa e inconclusiva a fim de que possamos refletir, amadurecer e relacionar as ideias, aqui apresentadas, com outras matrizes teóricas que comportem a discussão.

Para uma primeira aproximação teórica do tema com a teologia estarei utilizando autores como Carlos Eduardo Calvani (2010), que trata sobre a teologia da arte e discute Comunidade Espiritual, *locus* teológico e espaço revelatório do Sagrado, a partir de Paul Tillich; e David Bosch que reflete sobre a *missio Dei*. Na área da música utilizo autores que refletem sobre a importância da arte para a sociedade e, neste sentido, estarei utilizando autores como Roger Bastide (1971) e David Hargreaves (2000), além de outros autores que contribuem para a reflexão do tema.

Inicialmente estarei analisando a importância da arte para a sociedade procurando compreender qual o impacto e os desdobramentos produzidos, a partir da música, no contexto social. Em seguida me deterei no estudo sobre a missão da Igreja e o Reino de Deus com vistas a buscar elementos teóricos que possibilitem uma compreensão de Reino a partir de um projeto social na periferia desvinculado da igreja institucionalizada. Por fim, estarei apresentando o projeto Trilhos Sonoros procurando descrever suas características, o cenário onde atua e as evidências que revelam pistas de um novo tipo de igreja para a periferia.

A função social da arte: pistas para uma resignificação da música em projetos sociais

Antes de discorrer sobre a música e sua relação com uma nova forma de igreja na periferia, tratarei de analisar de que forma a música, enquanto manifestação artística, tem sido importante do ponto de vista sociológico. A análise sociológica da arte permitirá uma pré-

compreensão sobre a importância da música para o homem, bem como poderá indicar que mesmo distante de uma eclesiologia, a música e todo o seu discurso pode constituir-se como elemento de transformação sócio-espiritual e libertação.

Uma das principais interpretações da arte consiste em concebê-la como um sistema de sinais, portanto, como uma linguagem. A linguagem, por sua vez, é um meio de comunicação, “que permite às almas fechadas transpor as fronteiras de seu isolamento para entrar em contato uma com as outras, compreender-se, comunicar-se pelos mesmos símbolos e agir em harmonia. É, portanto, um fator de solidariedade”.²

Enquanto linguagem a arte é, também, um instrumento de solidariedade social não se tratando apenas de um sistema de sinais intelectuais, mas, sobretudo, de um sistema de símbolos afetivos que possibilita que a solidariedade conseguida seja ainda mais estreita que a da palavra falada, “excedendo a intercomunicação entre indivíduos separados, para estabelecer uma interpenetração das almas, uma fusão parcial das consciências”.³

Carlos Augusto Pinheiro Souto, diz que “longe de uma visão salvadora do mundo através da arte, é preciso destacar o esforço de tantos teóricos ao longo de séculos na tentativa de mostrar que a arte humaniza, e, nesse sentido, repercute diretamente na sociedade”.⁴

Precisamos mais do que nunca, da sua utilização no meio educacional e mais ainda na sociedade de modo geral. Pois se temos consciência de que a educação é a base estrutural, juntamente com a família, de uma sociedade plena, também temos consciência de que precisamos, cada dia mais, de pessoas comprometidas com o tema da humanização dos indivíduos. Humanizar no sentido completo e pleno da palavra. Mais do que oferecer aos indivíduos condições de vivência, de sobrevivência, dar a eles a oportunidade de serem quem realmente são, com toda a sua individualidade e peculiaridades.⁵

Não há dúvida da importância da arte para a sociedade. No entanto, é bem verdade que o tecnicismo e a mecanização, com vistas ao comércio tem gradativamente oportunizado uma compreensão reducionista e equivocada da arte. Importa pensar a arte como forma de humanização e reveladora do Divino; como possibilidade de inclusão social, de participação crítica e assertiva dentro de um determinado contexto social; de trânsito nos diversos contextos sociais e de uma projeção social.

Por sua vez, a presença da música na vida dos seres humanos é algo que não se pode contestar. Ela está presente em todos os ambientes sociais possibilitando que as pessoas se movimentem fisicamente através do canto e da dança, mas pode ainda movimentar essas pessoas internamente oportunizando um estado elevado de consciência. A música é como uma força espiritual que “pode iludir a mente racional e penetrar no coração, acendendo as emoções”.⁶

A música tem o poder de inspirar tropas em batalha e também organizar forças sociais. Ela é capaz ainda de coordenar e estimular trabalhadores, enfim, ela une as pessoas chamando a

² BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade*. São Paulo: Nacional; Editora da USP, 1971.

³ BASTIDE, 1971, p. 184.

⁴ SOUTO, C.A.P. *Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013. p. 52

⁵ SOARES, Alexsandro Rosa. A importância da arte para a socialização. *Revista Ibero Americana de Educação*, n. 42/2, 2007. Disponível em: <<http://www.rioei.org/opinion42.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

⁶ HAST, Dorothea E. *O poder transformador da música*. Belo Horizonte: Sete, 1999. p. 5.

atenção e sentimentos para uma experiência coletiva. A música pode animar e entreter, acalmar os nervos, elevar a alma numa liturgia religiosa e fazer uma criança dormir.

Em todos esses casos, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura”.⁷

A ideia de que a música se constitui em uma Linguagem Universal é atraente, mas apesar de a música não ser uma comunicação verbal, ela pode ultrapassar o limite linguístico, todo o seu poder está reservado àqueles que compartilham seu originário contexto cultural. Quando respondemos à música de outras pessoas, nossa resposta está dentro de nossa própria cultura, não da deles.⁸

Nesse sentido, Dorothea E. Hast define cultura como maneiras compartilhadas por um grupo, de experimentar, participar e compreender o seu mundo. Além das artes, a cultura inclui também linguagens, religiões, dogmas, organizações sociais, habilidades necessárias e hábitos do dia a dia. Para a autora, essas maneiras coletivas de ser e fazer estão interligadas em sistemas complexos dentro de consciências individuais e são forças evidentes e poderosas que possibilitam a convivência, podendo diferenciar também os grupos de forma muito mais útil do que meras características raciais. Neste sentido, muito mais do que uma herança biológica, a cultura explica o porquê de estas pessoas agirem e pensarem de forma diferente.

Para David Hargreaves, a música cumpre muitas funções diferentes na vida humana sendo quase todas elas sociais. O autor diz que

usamos a música para comunicarmos uns com os outros: através da música é possível estabelecer contatos com pessoas de ambientes culturais muito diferentes, mesmo quando os idiomas que falam sejam incompreensíveis entre si. A música pode despertar em nosso interior intensas e profundas emoções, as quais podem chegar a ser experiências compartilhadas entre pessoas e âmbitos bastante diferentes.⁹

Souto, diz que a etnomusicologia, que estuda a música com relação à cultura, tem procurado explicar a sua atuação ao longo dos anos. “Alan Merriam, por exemplo, em 1960 definiu etnomusicologia como o estudo da música na cultura tendo, em 1973, adaptado esta frase para o estudo da música como cultura”.¹⁰ Para Hast, essas definições possibilitam o entendimento de que a música é um dos muitos elementos interligados da cultura e indica que a música também incorpora a cultura. Assim, a etnomusicologia é um campo de pesquisa que estuda a música não como uma coisa em si, “mas com suas conexões com as pessoas e as culturas que elas constroem e experimentam”.¹¹ A mesma autora é enfática ao dizer que o poder da música está diretamente “envolvido com os relacionamentos humanos”.¹² Individual e/ou coletivamente, as pessoas movem a música e são fortemente movidas por ela. Não há como resistir ao poder da música. Para Bastide, a música age diretamente sobre a vida das pessoas podendo transformar o destino das sociedades.

⁷ HAST, 1999, p. 6.

⁸ HAST 1999, p.6.

⁹ HARGREAVES, David. The development of artistic and musical competence. In: DELIEGI, Irene; SLOBODA, David. *Musical beginnings: origins and development of musical competence*. Oxford. Oxford University Press, 2000. p.45.

¹⁰ SOUTO, 2013, p.54.

¹¹ HAST, 1999, p. 6.

¹² HAST, 1999, p. 6.

Regina Márcia Simão Santos argumenta que a música é um dos caminhos que produz identidades culturais. Para esta autora as pessoas são agrupadas socialmente mediante as práticas musicais. A autora diz ainda que os estudos em sociologia da música têm procurado entender tanto “a organização social da prática musical quanto a construção social do significado musical para esses diferentes grupos”.¹³

No que diz respeito a música na educação, Maria de Lourdes Sekeff diz que:

a vivência musical que se pretende na educação não diz respeito apenas ao exercício das obras caracterizadamente belas [...], mas sim todas as que motivem o indivíduo a romper pensamentos pré-fixados, induzindo-o à projeção de sentimentos, auxiliando-o no desenvolvimento e no equilíbrio de sua vida afetiva, intelectual e social [...]¹⁴

Sekeff argumenta ainda que o projeto educacional deve ser alimentado com a música, porque liberta a partir do momento em que, não sendo conceitual, possibilita para o educando a estruturação de “valores dentro dos inúmeros expostos e propostos no universo cultural, possibilitando-lhe atribuir significação, ao mesmo tempo em que estabelece um sentido para sua existência”.¹⁵

Neste sentido a autora considera que a música, enquanto saber cultural se insere em determinada comunidade específica, complementando a hereditariedade, sustentando a perpetuidade de determinado repertório, possibilitando a integração e a identidade do sistema social do indivíduo. Percebemos então que a prática da música na escola desenvolve a chamada Competência Musical e esta, por sua vez colabora com o desenvolvimento de todo o sistema sócio cognitivo do educando.

John Sheperd , em palestra ministrada por ocasião do II Simpósio brasileiro de pós-graduandos em música – Simpom, diz que “a música serve para construir as comunidades, representando grande força social”.¹⁶ O autor diz ainda que “A música enquanto som que conecta as pessoas é um meio de interação social”.¹⁷ Para o autor, as pessoas aprendem música para se relacionarem entre si, para estarem juntas. Souto entende que não se trata apenas da conquista da competência musical, mas de um impacto social a partir da aquisição dessa competência. Esse impacto, por sua vez, não está adstrito às crianças que, de forma prática, fazem música, mas a toda comunidade, pois na música, “Não existe neutralidade. Qualquer que seja nosso papel – observador, analista, crítico, ouvinte, intérprete ou criador –, somos parte integrante do fenômeno da comunicação musical”.¹⁸

Paul Tillich e missiologia: apontamentos teóricos a partir da obra *Teologia da Arte de Calvani*

Considerando os aspectos abordados anteriormente, onde procuramos fundamentar a importância da arte, especificamente da música, buscaremos, a partir daqui, refletir sobre a

¹³ SANTOS, Regina Márcia Simão (Org.). *Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.224.

¹⁴ SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007. p.128.

¹⁵ SEKEFF, 2007, p. 129.

¹⁶ SHEPERD, John. Conferência sociologia da música. In: *Simpósio brasileiro de pós-graduandos em música, 2., 2012*, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

¹⁷ SHEPERD, John. Conferência sociologia da música. In: *Simpósio brasileiro de pós-graduandos em música, 2., 2012*, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

¹⁸ SEINCMAN, Eduardo. *Estética da comunicação musical*. São Paulo. Via lettera, 2008. p. 9.

missão da Igreja, procurando entender as características dessa missão. Nossas reflexões procuram compreender a missão a partir de um projeto social na periferia, sem, a presença da igreja devidamente instituída. Nossos esforços buscam caminhos para entender de que forma os projetos sociais desenvolvidos na periferia, podem configurar, conforme Tillich, uma Comunidade Espiritual, onde o Sagrado pode ser revelado, através da própria linguagem musical, nos relacionamentos intra e interpessoal que se estabelecem nos ensaios e apresentações, na disciplina e organização, na aceitação e respeito ao outro, numa autoestima e perspectiva de vida elevada, num objetivo comum de transmitir o amor e a paz através da música e, por fim, na recepção do Novo Ser em Jesus como o Cristo.

Neste estudo inicial estaremos, portanto, utilizando a obra *Teologia da Arte* de Carlos Eduardo Calvani (2010), como base para reflexão e discussão do pensamento de Paul Tillich a respeito da missiologia. Posteriormente estaremos aprofundando essas reflexões através das obras de Tillich que refletem sobre esta temática.

Carlos Eduardo Calvani, diz que a Igreja Cristã nasceu a partir de um forte impulso missionário.¹⁹ Da mesma forma que Jesus espalhava a boa semente do Reino, em palavras e atos que libertavam, os apóstolos também desejavam ser espalhadores da boa semente em todos os lugares por onde passavam.

A proclamação da Palavra iniciou com a interpretação dos escritos judaicos a partir da vida, morte e ressurreição de Jesus e foi continuada através de outros atos, como: o testemunho de vida comunitária, que pode ser visto em At. 2.42-47. Esse testemunho de vida "despertava a simpatia das pessoas e as atraía ao convívio da primeira comunidade".²⁰ Outro fato que merece destaque é a cura de um coxo na porta do Templo que oportunizou outra pregação pública, bem como a prisão dos apóstolos (At 3 e 4), prosseguindo nos diversos relatos de sinais e prodígios dos apóstolos que visavam sempre, o bem do povo.

Calvani chama atenção para o fato de que o testemunho missionário começou em Jerusalém e arredores e alcançou Samaria (At 8) e, após a conversão de Saulo se espalhou até à Europa. Como estratégia missionária, Paulo, na sua primeira viagem, anunciava o evangelho "a partir das sinagogas e tradições judaicas".²¹ No entanto, Paulo percebeu que o evangelho não era apenas para uma determinada etnia ou para apenas um povo, mas para toda a humanidade. A partir de então começou a anunciar o evangelho aos não judeus. O ingresso desses novos crentes na igreja provocou, segundo Calvani, "a primeira grande instabilidade na comunidade dos seguidores de Cristo".²² No concílio de Jerusalém, registrado em Atos 15 houve um acordo parcialmente pacífico onde o testemunho de Pedro foi determinante (At. 15.7-11), "evocando certamente, sua própria admiração com a ação livre de Deus na casa do centurião Cornélio, um romano piedoso e temente a Deus", (At 10 e 11)".²³

A partir de então a mensagem do evangelho foi espalhada por todo o mundo de várias formas, pela coragem, desprendimento e dedicação de vários homens e mulheres que de forma intrépida proclamavam a Palavra de Deus. Calvani destaca que a era missionária não começou com os movimentos reavivamentalistas e evangélicos do século XIX. O que houve na verdade,

¹⁹ CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da Arte*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.

²⁰ CALVANI, 2010, p. 133.

²¹ CALVANI 2010, p. 134.

²² CALVANI 2010, p. 134.

²³ CALVANI 2010, p.134.

segundo Calvani foi uma "desastrosa simbiose entre o evangelho eterno e as formas culturais daqueles que o transmitiam".²⁴

Em geral, conforme Calvani, as igrejas possuem departamentos ou secretarias com vários funcionários e até orçamentos destinados à missão. No entanto a visão de missões está adstrita, em alguns lugares, à implantação de igrejas e à visibilidade denominacional, fato muito recorrente em nossos tempos, onde determinada denominação além de buscar a visibilidade de seu ministério, busca também a formação de membesia, para tanto, empreende esforços para tornar o trabalho que desenvolve mais atrativo a outros crentes com vistas a conquistá-los.

Em meio a esses desvirtuamentos missiológicos, Calvani convida-nos para uma reflexão à luz de alguns desafios e problemas atuais, tais como:

a incontornável necessidade de conviver com pessoas de diferentes religiões(ou mesmo com pessoas sem religião), num mesmo espaço social; a identificação do modo como agem os poderes demoníacos em nosso mundo globalizado e capitalizado e, finalmente, o tipo de testemunho dado pelos cristãos de diferentes igrejas, o que nos remete à questão ecumênica. Esses assuntos não são de competência exclusiva dos missiólogos, mas merecem ser abordados a partir de outras perspectivas.²⁵

Calvani apresenta, em sua *Teologia da Arte*, alguns artigos de Paul Tillich que, embora nunca tenha escrito um trabalho completo sobre missiologia, oferecem pistas que merecem uma séria reflexão. Considerando uma delimitação teórica, estaremos abordando apenas dois artigos que fundamentam nossas reflexões.

Um dos textos de Tillich apresentado por Calvani é um artigo intitulado *Missions and Word History* que segue o método da correlação e aborda o tema da missão a partir de sua teologia do Reino de Deus como resposta às questões relacionadas à história humana. Em suma, a construção de seus argumentos enfatiza os seguintes passos:

- a) A agência que representa o Reino de Deus na história é a Igreja Cristã. Esta, porém, não é o Reino de Deus, mas sua antecipação fragmentária;
- b) O momento no qual o sentido da história tornou-se plenamente manifesto e que é, por isso, o centro da história, foi o aparecimento do Novo Ser em Jesus como Cristo;
- c) A partir de Cristo, a história é dividida em "antes e depois dele". Tillich dá a esse detalhe cronológico uma importância teológica: " muitas pessoas, mesmo hoje, ainda vivem antes do evento de Jesus como Cristo". Desse modo, o período que antecede a manifestação ou o reconhecimento de Jesus como o Cristo, seja em indivíduos ou culturas, é o período de latência da Igreja: "isso se aplica ao paganismo, judaísmo ou humanismo. Em todos esses grupos e formas de existência humana, a Igreja ainda não está manifesta, mas está presente de forma latente."²⁶

A partir desse conjunto de ideias, Tillich propõe uma definição para missões: "são todas as atividades da Igreja, pelas quais ela age em prol da transformação de si mesma onde quer que ela se encontre em estado de latência, para seu estado manifesto - a recepção do Novo Ser em Jesus como o Cristo".²⁷ Na esteira desse raciocínio Tillichiano, Calvani destaca que:

²⁴ CALVANI 2010, p.134.

²⁵ CALVANI 2010, p. 134-135.

²⁶ *apud*, CALVANI, 2010, p. 136.

²⁷ *apud*, CALVANI, 2010, p. 136.

- a) missão não é simplesmente a tentativa de salvar da condenação eterna o maior número possível de indivíduos dentre as nações do mundo. Essa visão pressupõe e separa o indivíduo do grupo social ao qual pertence;
- b) missão não é mera função cultural de fertilização das culturas pelo Evangelho;
- c) missão também não é a tentativa de unir diferentes religiões, pois isso faria de Cristo algo menos que o centro da história. Missão é simplesmente, a tentativa de transformar a igreja latente - que está presente em todas as religiões mundiais - em algo novo: a Nova Realidade em Jesus como o Cristo.²⁸

Calvani destaca ainda que para Tillich, Missão significa Transformação e, por isso é uma função que pertence à Igreja e é o elemento que norteia sua vida.

Em outro texto Tillich aborda a Missão como representação do Reino de Deus. Nesse texto, publicado em 1963, no terceiro volume da Teologia Sistemática, Tillich trata da pneumatologia, eclesiologia e escatologia. Na segunda parte do texto, conforme Calvani, intitulada "A Presença Espiritual" há algumas referências missiológicas. Tillich constrói seus argumentos a partir da seguinte assertiva: "o Espírito é a resposta às ambigüidades da vida (sejam individuais ou comunitárias)".²⁹ Calvani destaca que a Presença Espiritual é manifesta no espírito humano, conduzindo-o ao reconhecimento do Novo Ser em Jesus enquanto o Cristo e, assim, cria a Comunidade Espiritual, que vive então "sob o impacto criativo desse evento central".³⁰ Essa comunidade que Calvani discute a partir de Tillich, é invisível e está escondida e só é aberta à percepção da fé, no entanto, é "irresistivelmente real"³¹ Calvani destaca ainda que

essa comunidade não é idêntica às igrejas cristãs. Essa Comunidade está latente antes do encontro com a revelação central, e está manifesta depois desse encontro e do reconhecimento do Novo Ser em Jesus enquanto o Cristo. " As igrejas representam a Comunidade Espiritual numa auto-expressão religiosa manifesta, enquanto que os outros representam a Comunidade Espiritual em Latência secular" (TS:502) Esses "outros" são " alianças de jovens, grupos de amizade, movimentos educacionais, artísticos, políticos e mesmo de forma óbvia, indivíduos, sem qualquer relação visível uns com os outros nos quais é sentido o impacto da Presença Espiritual, embora sejam indiferentes ou hostis às expressões visíveis da religião. Eles não pertencem a uma igreja mas não estão excluídos da Comunidade Espiritual". (TS:502)".³²

Na quarta parte de sua Teologia Sistemática, Tillich diz que a Igreja é a Comunidade Espiritual, ou seja, a Comunidade impulsionada pelo Espírito. Para o autor, é nessa Comunidade que acontece a experiência da regeneração e da justificação. Essa Comunidade Espiritual está para além daquela Igreja com a qual estamos habituados. O Espírito dessa comunidade está nas diversas partes do mundo, revelando-se em todas as "religiões e movimentos sociais e culturais".³³

David Bosch, um dos missiólogos mais respeitados do nosso tempo, se aproxima em vários pontos da perspectiva Tillichiana, principalmente no que diz respeito ao fato de que "a fé cristã é uma fé missionária com uma perspectiva intrinsecamente universal e ecumênica".³⁴ Para Bosch, o evangelho é universal, Deus é missionário e a *missio Dei*, antecipa, fundamenta e critica

²⁸ *apud*, CALVANI, 2010, p. 136.

²⁹ CALVANI, 2010, p. 150.

³⁰ CALVANI, 2010, p. 150.

³¹ *apud*, CALVANI, 2010, p. 150.

³² *apud* CALVANI, 2010, p. 150.

³³ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo, Edições Loyola. 2002. p. 100.

³⁴ CALVANI, 2010, p. 159.

as *missiones ecclesiae*.³⁵ Calvani acrescenta que as ações missionárias conduzidas pela igreja precisam estar submetidas ao propósito maior do reinado de Deus. Para Calvani,

Isso significa que é preciso falar primeiro de Reino de Deus e só depois da Igreja, enfatizar o caráter escatológico da missão e o papel provisório da igreja como agente do reino. Na América Latina, a chave hermenêutica para compreender a missão, não é a igreja enquanto instituição, mas o reinado de Deus. A igreja não inicia nem controla a missão de Deus, pois ela é, também resultado dessa missão. Portanto, a implantação de igrejas em todos os lugares ou o crescimento da denominação numa sociedade,, por mais desejável que seja, não é o fim último da missão. O mandato de Jesus é "Ide e pregai..." e não "ide e implantai igrejas" ".³⁶

Calvani enfatiza outro ponto de contato entre a perspectiva missiológica de Bosch e Tillich que é "a defesa de que Deus continua a realizar a nova realidade que foi inaugurada e manifesta na vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo - o seu reinado de vida, amor, dignidade, justiça e paz".³⁷ Esse reinado está presente, por mais que pareça oculto, em toda a história humana como fermento, sal e luz em diversos grupos.

Para Roberto Zwetsch,

A missão na força do Espírito transforma pessoas, cria comunidades alternativas e muda o mundo. A comunidade cristã caracteriza-se por ser comunidade acolhedora, por dignificar as pessoas que normalmente são desprezadas e vivem no anonimato. A *koinonia* (comunhão) completa-se com a *diakonia* (serviço), e ambas se traduzem em *martyria*, palavra grega que significa testemunho.³⁸

Por fim, o conceito teológico de Reino de Deus carece de um maior aprofundamento pelo fato de ser o referencial da missão. E, neste caso, toda discussão sobre missão deve ser motivada pelo objetivo da proclamação do Reino. Calvani diz que a criação de comunidades cristãs filiadas a uma determinada denominação cristã deve ser uma consequência da missão, e não exigida como objetivo central da missão, pelo fato de que a igreja não vive pra si, mas para os outros em favor do Reino.

As perspectivas apresentadas a respeito da missão da igreja corroboram, enquanto chave hermenêutica, para o entendimento de que o projeto Trilhos Sonoros enquanto projeto que visa a transformação social, de crianças e adolescentes vitimadas pela exclusão, abandono e invisibilidade, embora não seja uma denominação religiosa organizada, configura-se como uma Comunidade Espiritual que, apesar de oculta, é real e enquanto igreja latente, tem oportunizado a experiência com o Sagrado, reconhecimento e a aceitação de Jesus como Novo Ser em Cristo podendo ser, assim, uma igreja manifesta, na/para periferia.

Projeto Trilhos Sonoros: um projeto social ou uma nova forma de igreja para a periferia?

O projeto Trilhos Sonoros é uma ação sócio cristã que tem por objetivo a inclusão social de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Seu objetivo

³⁵ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*/ David J. Bosch: tradução de Geraldo Korndorfer; Luís Marcos Sander – São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

³⁶ CALVANI, 2010, p. 159.

³⁷ CALVANI, 2010, p. 159.

³⁸ ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e Prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009.

precípua não é o desenvolvimento da competência técnica em determinado instrumento musical, mas o desenvolvimento de competências sócio-espirituais que oportunizem a sua transformação, libertação e protagonismo.

O projeto iniciou suas atividades com 11 crianças e atualmente atende 40 alunos entre crianças e adolescentes. Sem nenhum vínculo institucional com a igreja, o projeto recebe crianças e adolescentes de diversas confissões religiosas. Por ser um projeto social que tem valorizado e cuidado da criança e do adolescente, frequentemente as ações desenvolvidas contam com os pais dos alunos que trabalham de forma coordenada buscando envolver mais crianças no projeto. Além dos pais, o projeto conta com a participação de uma rede de amigos entre espíritas, umbandistas, católicos e evangélicos que revelam o caráter ecumênico do projeto e somam esforços para apoiar e promover a transformação social.

O trabalho desenvolvido no projeto Trilhos Sonoros, ao longo de três anos tem revelado que as ações de educação musical têm repercutido para além do desenvolvimento de uma competência técnica num determinado instrumento. O engajamento de alunos, pais, educadores e outros profissionais em favor de uma transformação social, amor e cuidado com os menos favorecidos tem apontado para uma missão específica naquele contexto que, mesmo estando desvinculada das denominações religiosas, está diretamente vinculada e a serviço do Reino de Deus.

O projeto é realizado na periferia de Canoas, região metropolitana, no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma vila habitada por catadores de lixo. O local é, na verdade, um grande depósito de lixo e as crianças que ali residem passam boa parte do seu dia no contato direto com o lixo. Um dos moradores do local disse o seguinte: "... as crianças daqui acordam e dão de cara com o lixo. Passam o dia todo no lixo. O que elas vão ser no futuro?" (fala de um pai). A realidade é degradante. O lixo acumulado possibilita a infestação de ratos e outros insetos. A umidade das casas tem provocado problemas respiratórios sérios. Além desses problemas de saúde, existe ainda o consumo e o tráfico de drogas no local.

Esse contexto degradante é o cenário de atuação do projeto Trilhos Sonoro que no decorrer dos três anos de existência encontrou certa incompatibilidade de relacionamento com a igreja instituída, pelo fato de se tratar de um contexto extremamente violento, onde as ações marginais são frequentes e a comercialização de drogas é vista como forma de sobrevivência para algumas famílias que ali residem. As duas igrejas que existem naquele espaço, são reprodutoras de uma teologia que focaliza na prosperidade financeira e na tentativa de elucidar questões relacionadas à fé cristã. Para Calvani, esse tipo de teologia é restritivo à medida que "ela pressupõe que a igreja contém os tesouros da revelação divina e pouco se importa com o que acontece além dos limites eclesiásticos, ou seja, na vida da cultura".³⁹ Os assuntos referentes à vida secular são desprezados e considerados de pouca importância para a igreja.

A Igreja, pouco tem feito no sentido de empreender esforços para uma ação organizada na periferia. Essa falta de interesse revela um descomprometimento com os menos favorecidos e, ao mesmo tempo, um *déficit* de competências para lidar com a cultura da periferia. Ao mesmo tempo, os menos privilegiados deixaram de ser o foco do evangelho para dar lugar à salvação de grupos religiosos que visam sua autopromoção eclesiástica e, obviamente, o poder.

Assim, alguns projetos sociais, podem apresentar-se como real oportunidade e alternativa viável para uma vivência comunitária inclusiva, aberta ao Sagrado e promotora de

³⁹ CALVANI, 2010, p. 59-60.

transformação sócio-espiritual. A prática da solidariedade; o amor demonstrado pelo comprometimento com o outro podem constituir pistas revelatórias do Sagrado nesses espaços, e, ao mesmo tempo, indicar o ajuntamento de uma Comunidade Espiritual que se constrói a partir da visão de Reino de Deus, muito mais ampla do que a visão fragmentária da Igreja instituída.

Nessa perspectiva esse estudo, que aqui inicia, busca compreender de que forma o trabalho desenvolvido no projeto Trilhos Sonoros pode repercutir em outras dimensões que oportunizem uma vida abundante conforme João 10.10, em relação a si mesmo, aos outros, à sociedade e a Deus.

Com vistas a uma vida abundante Zwetsch, destaca uma espiritualidade libertadora que considera e se serve de toda a experiência humana. O autor diz que

a espiritualidade libertadora como dimensão essencial da caminhada missionária se configura existencialmente como uma espiritualidade aberta a outras áreas da condição humana, fundamentalmente para a vida e a construção de alternativas. Refiro-me à música, à literatura, à pintura, ao teatro, ao cinema, [...] no qual transparece e é tematizada a vida humana em toda a sua riqueza, tragédia e relevância.⁴⁰

O mesmo autor diz que frente à crise da evangelização, da missão e da reflexão teológica, precisamos reconhecer que a fé e a espiritualidade são colocadas em questão. Assim, o autor destaca que

a espiritualidade libertadora constitui-se como um desafio tanto para as comunidades de fé como para cada pessoa que delas participa, também nós, teólogas e teólogos. O que vamos descobrindo e aprendendo – a duras penas – é que tal espiritualidade nos compromete em primeira instância com os pobres, desvalidos, as pessoas com deficiência, os povos indígenas, as comunidades afro, os sem lugar, sem vez e sem voz.⁴¹

Assim, a educação musical, desenvolvida no projeto Trilhos Sonoros, pode apresentar-se como ferramenta imprescindível para alcançar os excluídos possibilitando não apenas a aquisição do saber artístico-musical, mas também a articulação com outros saberes que contribuirão para uma espiritualidade libertadora e plena que possa repercutir na saúde integral do ser humano.

Esta saúde integral, por sua vez, deve oportunizar de forma efetiva, a restauração da identidade, a dignidade e o sentido da vida das pessoas que, “diante dos processos e experiências que nos desgastam, desvitalizam e desorientam desnecessariamente, conseguem nos desumanizar, ou seja, fazem desaparecer em nós a imagem de Deus”.⁴²

Considerações finais

Sem pretender concluir este estudo, as análises feitas, até aqui, nos dão pistas de que o projeto Trilhos Sonoros, enquanto ação educativo-musical na periferia é, no mínimo, um campo fértil de pesquisa no que diz respeito à teologia da cultura, considerando que ela “é mais livre por estar ligada não a uma religião específica, mas ao movimento vivo da cultura onde a vida acontece”.⁴³ Nesse sentido, Tillich, conforme Calvani, diz que as expressões culturais não

⁴⁰ ZWETSCH, 2009, p. 57.

⁴¹ ZWETSCH, 2009, p. 57.

⁴² ZWETSCH, 2009, p. 57.

⁴³ CALVANI, 2010, p. 65.

necessariamente religiosas também revelavam o Incondicional e as preocupações espirituais de época.⁴⁴ Nessa perspectiva Tillichiana o projeto Trilhos Sonoros pode apresentar-se como espaço revelatório do Sagrado, que nos motiva para uma pesquisa sistemática naquele contexto social. Os elementos estudados de forma preliminar apontam para uma necessidade premente de investigação teológica que possa analisá-lo para além de uma visão fragmentária de igreja instituída, que preocupada com o “futuro eterno” negligencia o presente. As reflexões aqui levantadas permitem ainda uma análise para além do assistencialismo pragmático, que revestido do imediatismo e reducionismo assistencial deixa de contemplar uma libertação plena e a transformação social.

As provocações aqui levantadas podem servir para um entendimento de Reino de Deus que se revela, de forma plena, não apenas a partir da igreja instituída e organizada, mas na simplicidade e informalidade das ações desenvolvidas nos projetos sociais presentes entre os pobres na periferia.

Referências

BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade*. São Paulo: Nacional; Editora da USP, 1971.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*/ David J. Bosch: tradução de Geraldo Korndorfer; Luís Marcos Sander – São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da Arte*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo, Edições Loyola. 2002.

HARGREAVES, David. The development of artistic and musical competence. In: DELIEGI, Irene; SLOBODA, David. *Musical beginnings: origins and development of musical competence*. Oxford. Oxford University Press, 2000.

HAST, Dorothea E. *O poder transformador da música*. Belo Horizonte: Sete, 1999.

HIKIJ, Rose SatikoGitirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da USP, 2006.

RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou. A salvação social em John Wesley*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2010.

⁴⁴ CALVANI, 2010, p. 69

SEINCMAN, Eduardo. *Estética da comunicação musical*. São Paulo. Via lettera, 2008.

SANTOS, Regina Márcia Simão (Org.). *Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SEKEF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

SHEPERD, John. Conferência sociologia da música. In: *SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA*, 2., 2012, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

SOARES, Alexsandro Rosa. A importância da arte para a socialização. *Revista Ibero Americana de Educação*, n. 42/2, 2007. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/opinion42.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

SOUTO, C.A.P. *Orquestra Villa- Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FAGED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e Prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.